

VOZES DO NORTE: relatos de mulheres negras e indígenas da cidade de Manaus – Amazonas

*VOICES FROM THE NORTH: stories of black and indigenous women from the
city of Manaus, Amazonas*

NAIANA ARAÚJO SANTOS SOUZA

Resumo:

Este trabalho tem como principal objetivo trazer relatos de mulheres negras e indígenas da cidade de Manaus — Amazonas, os quais são analisados a partir dos textos de autoras como Chimamanda (2009), Gloria Anzaldúa (2000), Conceição Evaristo (2020), Aparecida de Jesus (2014), Bell Hooks (2013) e Silvia Wynter (2021), com as quais tive contato na disciplina do mestrado Vozes Femininas. Foi nessa disciplina que compreendi a importância das nossas experiências individuais para a promoção de reflexão e mudança na sociedade. Assim, pensando em como falar sobre as minhas vivências — já no mestrado — foi essencial para mim enquanto pessoa e pesquisadora, busquei uma troca mais profunda de experiências com três grandes amigas, que vieram a ser as participantes desta pesquisa: uma mulher negra e duas indígenas. No decorrer do texto, intercalo os depoimentos dessas mulheres, bem como alguns meus, no que diz respeito às suas infâncias, adolescências e vidas adultas sendo corpos indígenas e negros numa sociedade ainda muito racista, elaborando uma conversa entre os relatos e tendo como respaldo principal as autoras acima citadas, com o intuito de mostrar a necessidade dessas trocas e motivar outras pessoas a fazer esse exercício de partilha, reflexão e mudança.

Palavras-chave: Vozes Femininas; vozes do Norte; relatos pessoais; mulheres negras e indígenas.

Abstract:

The main objective of this work is to bring together accounts from black and indigenous women in the city of Manaus, Amazonas, which are analyzed based on texts by authors such as Chimamanda (2009), Gloria Anzaldúa (2000), Conceição Evaristo (2020), Aparecida de Jesus (2014), Bell Hooks (2013), and Silvia Wynter (2021), with whom I had contact in the master's degree course Female Voices. It was in this course that I understood the importance of our individual experiences in promoting reflection and change in society. Thus, thinking about how to talk about my experiences — already in my master's program — was essential for me as a person and a researcher, I sought a deeper exchange of experiences with three great friends, who became the participants in this research: one black woman and two indigenous women. Throughout the text, I intersperse the testimonies of these women, as well as some of my own, regarding their childhoods, adolescences, and adult lives as indigenous and black bodies in a society that is still very racist, elaborating a conversation between the reports and using the above-mentioned authors as my main support, with the aim of showing

the need for these exchanges and motivating other people to engage in this exercise of sharing, reflection, and change.

Keywords: Female Voices; voices from the North; personal accounts; black and indigenous women.

*Trabalhar o passado é uma maneira
também de reivindicar uma posição
de dignidade no presente.*

– Conceição Evaristo

Iniciar esta escrita com a fala da Conceição é muito significativo para mim, pois ela compõe uma das leituras às quais tive acesso na disciplina Vozes Femininas, do mestrado. Quero deixar claro o quanto essa disciplina foi essencial para que eu sentisse necessidade de escrever esse texto, de construí-lo junto às minhas queridas amigas, que me cederam seus relatos, tão particulares e profundos. Foi na disciplina que compreendi o quanto as experiências vividas por cada pessoa são indispensáveis para promover reflexões e mudanças na sociedade.

Desde que comecei a escrever artigos, no Ensino Médio e, de forma mais intensa, na Graduação, fui levada a pensar que colocar vivências pessoais em trabalhos acadêmicos faria com que aqueles trabalhos se tornassem menos relevantes ou inapropriados para o espaço universitário. Por isso, sempre evitei falar sobre minhas experiências em sala e, mais ainda, colocar essas experiências no papel, dentro dos artigos. Percebo, assim, uma grande mudança entre o meu Trabalho de Conclusão de Curso, por exemplo, no qual coloquei apenas teorias renomadas, citações e formalidades, e os trabalhos que tenho produzido após entrar no mestrado — como a minha dissertação, que já no início traz uma apresentação que me atravessa, na qual me permiti falar sobre os caminhos que me trouxeram até aqui, desde a infância. Tendo contato com autoras como Conceição Evaristo, que transforma vivências extremamente delicadas e pessoais em literatura, fico cada vez mais convencida da importância de trabalhar meu passado em todas as áreas da minha vida e, assim, reivindicar meu lugar no futuro, um lugar digno.

Foi também na disciplina Vozes Femininas que tomei conhecimento da Teoria Racial Crítica, por meio da professora Maria Aparecida de Jesus Ferreira, e fiquei muito animada ao saber que um dos princípios fundamentais desta teoria é o seguinte:

5. A centralidade do conhecimento experiencial. A Teoria Racial Crítica reconhece o conhecimento empírico das pessoas de cor como credível, altamente valioso e imprescindível para a compreensão, a análise e o ensino sobre a subordinação racial em todas as suas facetas (Carrasco, 1996). A Teoria Racial Crítica solicita, explicitamente, analisa e escuta as experiências vividas das pessoas de cor através de métodos contranarrativos "counterstorytelling", tais como histórias de família, parábolas, depoimentos e crônicas (Ferreira, 2014 *apud* Delgado e Stefancic, 2000; Solórzano e Yosso, 2001; Yosso, 2005).

Foi refletindo sobre esse conhecimento empírico como instrumento de mudança e percebendo o quanto conseguir falar sobre minhas experiências como mulher negra — já no mestrado — foi e está sendo libertador, enquanto pessoa e pesquisadora, que pensei em ouvir e trazer para este texto vozes que têm um som muito familiar para mim: as das minhas amigas. Juntarei aos meus os relatos de três outras mulheres — Adriely, Larissa (Siwsi) e Suelen (Uú), uma negra e duas indígenas, as quais são muito próximas de mim há alguns anos e com quem sempre tive essa troca de experiências em relação às vivências de cada uma enquanto corpos indígenas e negros numa sociedade ainda tão racista.

Apesar dessas trocas, recentemente eu senti falta de ouvi-las mais carinhosamente, no sentido de saber os detalhes — os que elas estivessem dispostas a falar — das dores vividas, das violências sofridas e de como isso as impactou, como as fez sentir dentro da sociedade. Eu, pela experiência que tive na disciplina Vozes Femininas, sabia que falar, se permitir voltar àqueles lugares, também poderia ser um processo de cura para minhas amigas. Então entrei em contato com elas, perguntando se topavam fazer parte desse texto, e elas, generosamente, aceitaram. Agradei, expliquei a elas a ideia do trabalho e fiz algumas perguntas norteadoras: 1. Qual o acontecimento que mais te marcou enquanto mulher negra/indígena?; 2. Esse acontecimento te fez refletir sobre a sua existência? De que forma? Como você passou a se perceber na sociedade depois disso?. Essas questões se deram mais como um norte para as respostas, mas deixei bem claro que elas poderiam ficar à vontade para responder da forma que quisessem, adicionando coisas ou não respondendo algo, se assim achassem melhor. Fui presenteadas com depoimentos incríveis, que demonstram a

entrega que cada uma das participantes fez ao voltar aos acontecimentos que as marcaram. Aqui, compartilhamos — eu e elas — essa entrega com cada pessoa que se dispuser a ler as suas falas, ouvir suas vozes ecoando nas palavras escritas.

Lembrando de Bell Hooks (2013), quando diz que se quisermos que o outro sintam-se seguro para explorar e expor suas vulnerabilidades devemos também nos sujeitar a explorar e expor as nossas, enquanto professores e pesquisadores, irei apresentar os relatos de minhas amigas junto aos meus, comparando e identificando experiências semelhantes. Os depoimentos serão apresentados em recortes, justamente para proporcionar essa conversa entre um e outro. Primeiro, trarei as falas que remetem às infâncias de cada uma; depois, as que retratam fatos da adolescência e da vida adulta; Por fim, estarão as falas que demonstram como essas mulheres se percebem na sociedade atual. Em anexo, encontra-se uma apresentação pessoal das nossas participantes.

RETRATOS DA INFÂNCIA NEGRA E INDÍGENA

Adriely: O primeiro ataque racista que fizeram contra mim foi quando eu tinha uns 7/8 anos de idade, e foi na escola. Eu estudava em escola particular e tinha uma minoria de pessoas pretas, e acho que isso já diz muita coisa. Também tinha outras duas pessoas pretas na sala, eram dois meninos, eles também eram racistas comigo. Eles diziam que pelo fato de eu ser uma garota mais escura, ninguém ia querer namorar comigo, ninguém ia querer casar, ninguém ia querer ser meu amigo. E eu lembro dos outros também né, as crianças que eram brancas fazendo racismo comigo: me chamavam de macaca, me chamavam de urubu, me chamavam de crioula, e eu minava isso na minha mente, né, e eu tinha o quê? Oito anos? Sete ou oito anos, como eu falei. E teve uma vez que... ai meu Deus (pausa para respirar, voz embargada) ... Então, eu minava tudo isso na minha mente e guardava pra mim. Até que um dia eu cheguei da escola, eu estudava a tarde, minha mãe me colocava no banho, eu já tomava banho sozinha, e ia fazer as coisas de casa. E eu fiquei no banheiro sozinha e eu vi uma bucha, e eu simplesmente peguei a bucha, coloquei sabão e comecei a esfregar no meu braço, como se eu estivesse suja. E eu esfreguei muito, com muita força, meu braço chegou a ficar vermelho. Eu tinha a mentalidade de que, se eu conseguisse tirar aquela cor de mim, conseguisse tirar a minha própria cor, eu seria mais aceita. Então eu me esfreguei como se eu estivesse suja, mas eu não estava.

O primeiro trecho do depoimento da Adriely é bem difícil de ler — inclusive, derramei algumas lágrimas quando fui transcrever os áudios gravados. É ainda mais

impactante perceber o quanto essas experiências são comuns a tantas mulheres negras. No Amazonas, especialmente, que é um Estado extremamente miscigenado (Freitas, 2024), o racismo contra pessoas negras e indígenas é escancarado nas escolas, como podemos ver no caso da Adriely, o que faz com que muitas vezes as crianças não brancas sintam-se desconfortáveis com a sua própria aparência e busquem mudá-la, para que fique o mais próxima possível do padrão imposto pela branquitude. Me lembro de usar leite de rosas todos os dias com a intenção de clarear meu rosto quando criança, também aos sete/oito anos, e de implorar para a minha mãe alisar meu cabelo, porque também sentia que só assim seria aceita entre meus colegas de sala. Eu queria que meus colegas meninos me olhassem e fizessem questão de estar comigo da mesma forma que faziam com as colegas brancas — mesmo que depois descobrisse que meninos não me interessavam nem um pouco, era apenas a necessidade de também me sentir bonita, nem que fosse só um pouco —, e eu achava que o problema era a minha cor, a lógica cruel do racismo me fazia acreditar nisso, então tentava ao máximo me “embranquecer”. Esse processo da tentativa de se enquadrar aos padrões, comum a tantas de nós, me remete a Silvia Wynter, quando diz que

O invariante absoluto branco/negro serve para fornecer o princípio que tenta organizar o status que a historiadora caribenha Elsa Goveia identificou como baseado na regra de hierarquização superioridade/onferioridade, segundo a qual todos os outros grupos não brancos, enquanto “categorias intermediárias”, colocam-se e têm seu “valor” relativo avaliado de acordo com sua proximidade ou distância um em relação ao outro (Wynter, 2021, p. 81).

Assim, fica explícito como o sistema racial funciona de forma a estabelecer superiores (brancos) e inferiores (não brancos): quanto mais próximos estivermos do padrão considerado superior, mais valor temos perante a sociedade. Isso é estrutural, por isso essa busca incessante pela “adequação” desde a infância.

Outro aspecto importante para se ressaltar nesse trecho da fala da Adriely é a questão de não ser vista como uma menina digna de casar, nem mesmo de namorar, pois era isso que ela escutava dos meninos na escola — eu relatei minha experiência com relação a isso anteriormente. A fala dela me fez pensar mais uma vez em Bell Hooks (2013), quando aponta a forma completamente diferente com que homens (sejam eles brancos ou negros) geralmente tratam mulheres brancas em relação a forma como tratam mulheres negra. As primeiras são

consideradas sempre para compromissos sérios e respeitosos, como um namoro e, futuramente, um casamento; já as segundas são apenas para fins sexuais, para satisfazer desejos carniais. A autora ainda diz que esse comportamento estrutural só reforça a rivalidade feminina, já que as mulheres brancas acabam percebendo as negras como o “pecado” de seus maridos, o motivo de suas traições, e as mulheres negras enxergam as brancas com revolta, por saberem que não são vistas pelos homens da mesma forma.

E pensar que todas essas questões já se apresentam na infância, pois crianças chamando outras de nomes pejorativos, ou sentindo vergonha de se relacionar com elas só por causa da cor são reflexos de adultos tomados por todo esse racismo estrutural, que vão perpetuando em seus filhos e filhas. Vamos aos outros relatos:

Suelen: Então, um acontecimento que me marcou foi quando eu me descobri indígena. Descobri entre aspas né, eu já sabia por conta da minha família e tal, mas quando eu me vi indígena numa sociedade urbana. Eu lembro que, aos cinco anos de idade, eu tava na escolinha e todas as crianças zoavam comigo por causa da minha aparência, e eu achava que era porque eu era uma criança gorda, mas não era, porque um dia começaram a me chamar de “indiazinha”, mas não indiazinha no sentido de “ah, ela é indígena”, mas num sentido pejorativo mesmo, as crianças usavam isso pra me ofender, e eu ficava muito mal com aquilo, porque eu achava que ser indígena era algo ruim, já que todo mundo falava daquilo de forma muito ruim, então eu passei a tentar esconder que era indígena, isso me marcou muito quando criança.

Larissa: Bem, na verdade, é um conjunto, vamos assim dizer. Eu sou miscigenada, então, eu sempre me reconheci como parda, porque minha mãe, que é indígena, nunca quis passar as coisas pra gente, diferente da minha avó, que morreu sem conseguir ser reconhecida legalmente como indígena (apesar de ter vivido grande parte da vida dela na comunidade). Meu avô também. No registro dele consta a aldeia onde ele nasceu, mas na certidão de nascimento dele está “moreno”. Bem, quando eu passei a me autodeclarar indígena, comecei a retomar tudo isso, minha história e as histórias dos que já se foram. Fui reconhecida pelo meu povo, mas isso não me eximiu de nada. E de todo modo, não é um papel que define se eu sou ou não indígena; sempre ficava em conflito com o que eu era, de fato, porque quando eu era criança, sempre me chamavam de indiazinha, disso e daquilo, de forma super pejorativa, principalmente por ter traços frequentemente associados aos povos indígenas, sabe?

Esses relatos da Larissa e da Suelen são bem parecidos, principalmente quando mencionam a questão dos apelidos que eram direcionados a elas na escola. É interessante como as duas fizeram questão de dizer que o “indiazinha” era utilizado de forma pejorativa, não como um simples apontamento de que elas eram crianças indígenas, mas como um

movimento que causava a exclusão de ambas. Essa questão dos apelidos, especialmente em relação ao termo “índio”, me fez pensar em uma fala do Nego Bispo (2015), na qual o autor comenta sobre como os povos originários possuíam as suas próprias denominações antes da colonização, denominações estas que eram bem diversas. Mas o colonizador reduziu todas essas culturas e identidades a um termo, com o intuito de apagá-las e, como coloca o autor, “desumanizar/coisificar” aqueles indivíduos que estavam sendo colonizados. Com esses relatos, percebemos como essa situação ainda é tão atual. Quando uma criança branca cresce em um meio racista, que incentiva essa “coisificação” do diferente, ela não verá problema em apontar o dedo para um colega e gritar “índiozinho”, “macaco” ou “urubu”, pois foi ensinada desde sempre a não ver o seu diferente como um outro ser humano. Portanto, o outro acaba sendo apenas um objeto, sem direito a empatia ou respeito.

Também é importante destacar que as próprias famílias das participantes não conversavam com elas sobre suas ancestralidades indígenas, uma porque não via aquilo como algo relevante e outra porque tinha vergonha. Esse fato demonstra como o racismo chega também a ser perpetuado pelas pessoas não brancas, que por crescerem ouvindo sobre si mesmas de forma pejorativa, acabam por acreditar que realmente são inferiores, que devem estar naquele lugar subordinado na sociedade (Wynter, 2021).

RETRATOS DA ADOLESCÊNCIA E VIDA ADULTA

Adriely: O meu segundo relato, entre os meus 16/17 anos, eu tava no ensino médio, eu conversava com um menino, e ele disse que queria ficar comigo, mas ninguém podia saber, e eu perguntei dele o porquê, e ele disse: “ninguém pode saber que eu fico com uma menina preta”, aquilo foi um choque pra mim, eu lembro que eu fiquei uma semana bem ruim mesmo, e eu lembro que eu só parei de responder o menino e eu não sei se ele falou pra alguém disso mas é algo que me choca até hoje. E é algo que me deixa retraída, querendo ou não, porquê por mais que a gente diga que tá pronta pra qualquer tipo de ataque, eu acho que sempre é um choque quando acontece, tipo a gente acha que não vai rolar mais e sempre acontece. Eu acho que sempre vai ser algo muito “Pow!” pra gente.

Adriely: Meu último relato aconteceu aos meus 21 anos. Ano passado eu tava sozinha no shopping, eu tava esperando uma pessoa, e eu passei perto de um grupo de estudantes, e eu lembro que um olhou pro outro e falou: “olha, fulano, um macaco”, olhou pra mim, olhou de novo pra um amigo e riu. E eu pensei na hora: “não, não foi comigo”. E eu lembro de ter

procurado nas lojas algum macaco, que ele disse ter visto, e percebi que tinha mesmo sido pra mim. E é algo que me deixou muito, muito triste, sabe?

Esses dois relatos só confirmam as teorias de Bell Hooks, em relação ao papel unicamente sexual da mulher negra, e de Nego Bispo, sobre a “desumanização/coisificação” das pessoas não brancas. É duro perceber que os últimos relatos da Adriely mostram situações muito semelhantes às que ela viveu na infância. Infelizmente, depoimentos como esses escancaram uma lógica racista que vai se estendendo até a vida adulta: são crianças que começam a repetir palavras violentas, sem ter noção do que significam; essas crianças tornam-se adolescentes, já entregues ao sistema, perpetuando o ódio praticado pelas pessoas que os cercam; e depois vêm a ser os adultos, que serão pais e mães e ensinarão seus filhos a seguir ferindo outras crianças.

Suelen: Porém, quando eu cheguei na adolescência, que eu comecei a entender mais sobre indigenismo, ter contato com a comunidade indígena, a minha tia é Cacica, então através dela eu comecei a ter um conhecimento mais aprofundado, aí foi quando eu cheguei pra minha mãe e perguntei: “mãe, é errado ser indígena?” e ela disse “não”, a gente teve uma conversa, nunca tínhamos tido essa conversa sobre o indigenismo na nossa família. E aí foi quando eu comecei a entender mais sobre esse nosso lado indígena sabe? Foi quando eu entendi o quão ricos em cultura nós somos, quando eu comecei a falar, já no início da minha graduação, porque uma criança lá de cinco anos achava que era ruim ser indígena, mas depois que fui entendendo o quão importante é o indígena na sociedade brasileira, o que é ser indígena, eu fui ficando maravilhada com tudo isso e comecei a atuar na causa indígena, por muito tempo fui a primeira secretária da minha tia Cacica, estive à frente de organizações em prol dos nossos direitos indígenas, da autoidentificação indígena e a ocupação dos espaços importantes, como nas Universidades, na prefeitura, tanto que hoje nós temos representantes na prefeitura (de Manaus), bem mais do que antigamente.

Larissa: Bem, quando eu passei a participar de um coletivo de estudantes indígenas do meu Estado, achei que estaria, de certa forma, segura – e não foi bem assim. Num geral, fui bem acolhida, tive uma boa recepção, apesar de ser miscigenada, mas um rapaz (de outro povo) dizia que não tinha porquê eu estar lá e que eu não era nem parda, mas sim, branca. Eu fiquei incrédula, até porque eu sempre ouvi que “apesar da pele, a minha cara não negava”, e tudo isso fez com que eu me sentisse mais e mais perdida nessa questão.

Aqui, nós temos depoimentos bem diferentes das nossas participantes indígenas. Uma delas iniciou no movimento indígena e logo ficou à frente de organizações, inclusive sendo secretária de sua tia Cacica. Já a outra, apesar de ter sido bem recebida de modo geral no movimento, teve sua identidade indígena questionada, inclusive — é importante destacar —, por um outro indígena. Essa diferença pode ser explicada por dois motivos: primeiro, a Suelen tem traços indígenas bem mais marcados que os da Larissa (especialmente quando se trata da cor) e, segundo, possui parentes bem próximos que são lideranças indígenas, como a sua tia. As pessoas, de dentro ou de fora dos movimentos negro e indígena, tendem a achar que por um indivíduo possuir a pele um pouco mais clara, ou ter traços não tão marcados, ele não sofre com o racismo, ou sofre menos, apesar de também não estar dentro dos padrões da branquitude. Porém, o relato a seguir mostra o contrário:

Larissa: E agora, estando no Sul do país, chego a dar “risada” ao lembrar disso, porque aqui eu sou tudo, TUDO, menos branca. Por conta dos olhos, pensam que eu sou asiática, então, as pessoas ficam meio confusas, entende? Mas isso só contribui mais e mais com o preconceito que eu sofro aqui. Frequentemente me confundem com vendedora quando eu estou em lojas (apesar de estar bem vestida). Olham torto se eu estou com algum brinco de pena, uma pulseira de morototó... Estive em uma loja na cidade vizinha e o segurança não parava de me seguir, mesmo quando eu parei para olhar as escovas de cabelo. Às vezes eu choro, porque é inevitável não me sentir em conflito. Já me olhei no espelho algumas vezes tentando entender o que tinha de errado comigo, apesar de que, eu sei, não há nada de errado. Essas coisas geralmente batem mais quando isso acontece. Também demorei para entender que isso era racismo. Quando conversei com um amigo que é psicólogo e trabalha justamente com questões raciais, ele me disse de forma limpa e crua que eram situações de racismo e que sentia muito por isso. Acabei chorando um bocado.

É perceptível que a Larissa, apesar de possuir uma pele clara, é constantemente vítima de racismo, pois, de qualquer forma, é uma mulher indígena! E, no caso dela, essa violência por parte de quem não é indígena acaba sendo agravada muitas vezes pela exclusão por parte de quem é, uma vez que ela não se sente incluída nem em meio às pessoas brancas e nem em meio às pessoas indígenas, pois é descredibilizada. Isso acaba por deixá-la confusa, como ela bem coloca no seu depoimento.

Sobre essa questão, também tenho algumas vivências que me marcam muito. Fui uma criança muito solitária no meio familiar, especialmente nas reuniões da família, tanto paterna quanto materna, nas quais as crianças brancas eram sempre o centro das atenções. Na

adolescência e vida adulta vivi casos muito específicos que deixaram bem claro o “problema” que é a minha cor para algumas pessoas, como a vez em que eu estava em uma loja e uma senhora puxou meu turbante e gritou “corta esse cabelo”, ou quando, como a Larissa, fui confundida com uma atendente de supermercado — no meu caso, em Manaus mesmo. Tudo isso fez com que o meu processo de me reconhecer como uma mulher negra fosse bem demorado e árduo. Porém, quando finalmente consigo me blindar dessas violências, bater no peito sobre minha cor e ter orgulho dela, sou questionada diversas vezes, até mesmo por colegas do mestrado, sobre minha identidade, apenas por ter a pele um pouco mais clara. Quantas vezes já escutei “você nem é tão negra assim” vindo de outras pessoas negras?! Volto a concordar com a minha amiga quando ela diz que isso tudo é muito confuso, nos sentimos sem lugar de pertença.

Refletindo sobre isso, penso em uma frase do *rapper* Emicida, na sua música *Ismália* (2019), onde ele fala sobre as causas do racismo: “É a desunião dos pretos, junto a visão sagaz de quem tem tudo, menos cor, onde a cor importa demais”. Sinto que essa frase resume bem o que acontece tanto no relato da Larissa quanto no meu, é a desunião dos grupos violentados, na tentativa de saber quem sofre mais e quem sofre menos — quando na verdade são sofrimentos diferentes mas tão dolorosos quanto —, que acaba por causar ainda mais feridas e, infelizmente, fortalecer aqueles que nos oprimem.

O LUGAR NA SOCIEDADE E AS LUTAS PELO COLETIVO

Suelen: Então, sim, me fez refletir sobre minha existência, e após esse meu despertar, eu passei a me perceber na sociedade como uma figura importante né, alguém que pode trazer voz (indígena) em locais que não temos tanto. Na minha turma de faculdade, por exemplo, eu sou a única indígena, são poucos indígenas no meu curso (arquivologia). Tanto que quando os professores encontram algum indígena no meu curso é sempre um evento, justamente porque tem muito pouco indígena na universidade do nosso Estado né, e isso é algo que a gente trabalha pra melhorar, pros indígenas ocuparem esses espaços.

Apesar das dores de se perceber negra ou indígena em uma sociedade racista, essa percepção de si é muito importante, como podemos ver nesse relato da Suelen. Ela transformou aquela vergonha de quando era criança em orgulho e começou a pensar no

coletivo. É muito bonito acompanhar nas suas falas a mudança de alguém que se percebia como apenas uma parte excluída e que hoje, por causa de suas lutas, percebe-se na sociedade como “uma figura importante”. Esse depoimento me remete à fala de Chimamanda Adiche sobre o perigo de uma história única (2009), quando ela diz que passou a infância inteira admirando apenas histórias dos Estados Unidos, enquanto a realidade em que vivia era completamente diferente delas. A autora só começou a valorizar a literatura Nigeriana quando teve contato com a mesma e percebeu o quão rica é a sua própria história, a cultura do seu povo. Assim como a Suelen só começou a se orgulhar das suas raízes quando passou a participar do movimento indígena e conhecer melhor o seu povo. Conhecer nossa história é essencial!

Larissa, apesar de estar morando em um lugar onde sofre bastante preconceito, também segue fazendo o melhor para defender a identidade indígena e a sua terra (que é terra indígena e quilombola):

Larissa: As coisas não têm sido fáceis aqui. Parece que não há ninguém “igual” a mim, não apenas culturalmente, mas fisicamente também. Mas me mantenho forte. Tento corrigir o outro quando ele se mostra disposto a isso e só sigo a vida com aqueles que não posso “mudar”.

Percebemos nessa fala que, por mais doloroso que seja enfrentar o preconceito e o racismo constantemente, em uma terra distante da sua, a Larissa ainda tenta levar informação para as pessoas que estão dispostas a ouvir e mudar um pouco o pensamento. Assim, ela contribui não apenas com o seu bem-estar pessoal, mas também com toda a comunidade indígena, que segue buscando respeito e dignidade.

Para finalizar os relatos, trago as últimas falas da Adriely, que fez uma análise de como cada situação relatada por ela a afetou na época e como ainda a afeta. Também demonstra seu orgulho por ser quem é:

Adriely: comparando as três situações, a primeira: eu não me aceitava de forma alguma, ninguém ia mudar meu pensamento, ninguém ia tirar isso da minha cabeça, que se eu não fosse branca eu não ia ser aceita. Na segunda situação eu já estava sabendo lidar mais, né, eu já tinha maturidade, mas eu fiquei muito triste, porque ser rejeitado já é chato, agora ser rejeitado por ter uma cor diferente é pior ainda, então eu acho que eu tava numa situação de gangorra, sabe? Tipo, “não tem nada de errado comigo mas mesmo assim eu tô mal”. E a última situação foi, aconteceu num momento que eu já estava

me aceitando, eu batia no peito, e bato ainda no peito, tenho muito orgulho da minha cor, mas foi impactante, porque eu tava sozinha e eu não tava mexendo com ninguém, sabe?

Adriely: Mas essas situações, infelizmente cotidianas, me fazem ter orgulho de quem eu sou, que eu sou diferente, que eu sou incrível. Eu acho que a maior lição que a gente tira disso é a aceitação, de quem a gente é, por mais que a gente não queira, porque o racismo tá enraizado, e a gente tem que lidar com isso.

Da mesma forma que a Larissa e a Suelen, é muito bonito ver o quanto Adriely evoluiu em relação a si. Aquela menina que odiava a sua cor e queria mudá-la hoje tem orgulho dela e se vê como uma mulher “incrível”. É interessante ver como essas situações todas ainda machucam-na, e ela tem a consciência de que sempre irão machucar, de que é preciso “lidar com isso”, mas isso não a impede de se orgulhar por ser quem é e muito menos de trabalhar para conscientizar outras pessoas — ela não falou isso mas como amiga eu digo com propriedade: Adriely também tem um papel muito importante, especialmente entre seus familiares e amigos, no sentido de debater essa pauta do racismo e de elevar a autoestima das crianças e mulheres negras com as quais convive.

Eu, como professora, também procuro fazer dessas nossas dores um combustível para seguir em frente, pegando na mão das minhas alunas negras e deixando claro o quanto elas são importantes, alertando-as sobre as violências estruturais, para que se posicionem e se amem como são. Pensar no coletivo é sempre um motivo para não se entregar às violências e seguir lutando. Me faz pensar em Glória Anzaldúa (1980), quando convida todas as mulheres, comuns, do dia a dia, para lutar, para escrever e falar sobre suas dores e lutas, juntas, unidas mesmo que à distância. Foi também pensando nesse convite que eu quis dar esse espaço às minhas amigas, três mulheres incríveis que muito têm a dizer, mas que sofrem, como todas nós, várias tentativas de silenciamento cotidiano. Em um mundo que tanto silencia mulheres, é um respiro poder contribuir para que algumas delas sejam ouvidas.

Quero agradecê-las, minhas amigas queridas, muitíssimo, por visitarem lugares tão delicados para que este trabalho fosse possível. Vocês me entregaram histórias detalhadas, sei que isso não é fácil, mas fizeram questão de colocar os seus corações, sangrando, nesses depoimentos, e por isso serei eternamente grata. Espero que esse processo de entrega tenha sido também de cura para cada uma. Vocês são as luzes da minha vida.

A cada pessoa que chegou até o final deste texto, espero que também tenha se emocionado e inspirado com nossas histórias. E se você foi uma criança negra, indígena, não branca numa sociedade como a nossa, sintá-se abraçada e convidada a se juntar à luta — você é importante!

REFERÊNCIAS

ADICHE, Chimamanda. *Chimamanda Adiche: O perigo de uma história única*. TED, 2009.

Disponível em: <https://youtu.be/D9Ihs241zeg?si=SdxIud1QUjL3Wj-T>

ANZALDÚA, Gloria. *Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo*. Estudos feministas. v. 8. 1º semestre de 2000.

BISPO, Antônio. *Colonização, quilombos: modos e significados*. Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa – INCTI. Brasília, 2015.

Emicida. *Ismália*. Laboratório fantasma, 2019.

Disponível em: <https://youtu.be/4pBp8hRmynI?si=0suOoTf42svWIAW3>

EVARISTO, Conceição. *Conceição Evaristo — Escrivivência*. Leituras brasileiras, 2020.

Disponível em: https://youtu.be/QXopKuvxevY?si=-_PFbw7_PKDnAyiO

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Teoria Racial Crítica e letramento racial crítico: narrativas e contranarrativas de identidade racial de professores de línguas. *Revista da ABPN*. São Paulo, v. 6, n. 14, p. 236-263, jul./out. 2014.

FREITAS, Larissa Menezes de. Acadêmicos indígenas nas universidades do Estado do Amazonas: um estudo na perspectiva etnolinguística. *Revista Ulbra*. São Paulo. v. 26 n. 68, out./dez. 2024.

HOOKS, Bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. Editora WMF Martins Fontes. São Paulo, 2013.

WYNTER, Silvia. *Nenhum humano envolvido: carta aberta a colegas*. In: Hortence J. Spillers. *Pensamento negro radical*. Crocodilo. São Paulo, 2021.

APRESENTAÇÃO PESSOAL DA AUTORA E DAS PARTICIPANTES

Naiana



Olá, tudo bem? Eu sou a Naiana, meu nome vem do Tupi e significa Estrela das Águas. Sou formada em Letras – língua portuguesa, pela Universidade do Estado do Amazonas, e mestranda em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Paraná — pesquiso as línguas Africanas na minha cidade, Manaus. Sou musicista e amo estar entre amigos.

Adriely



Olá, me chamo Adriely! Tenho 22 anos e sou formada em Design Gráfico. Gosto muito de filmes e livros que fogem da nossa realidade. Minha série conforto não tem nada de confortável, vulgo Shameless. Amo quase todos os gêneros musicais, mas MPB e músicas com a estética medieval ou gótica são meu ponto fraco.

Larissa (Siwsi)



Ikatú! Mayé taá resasá? Meu nome é Larissa – ou Siwsi (estrela, em Nheengatu). Sou indígena do povo Baré, tenho 23 anos e sou formada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa. Sou apaixonada por livros, futebol e adoro desenhar. A música também ocupa um lugar especial no meu coração. Entretanto, acima de tudo, nutro um imenso amor por novelas. Confesso que tenho uma mente bastante fantasiosa – por isso, é bem fácil eu me perder em meio a uma conversa com você...

Suelen (Uú)



Meu nome é Suelen Gassa (ou Uú (Rio/riacho) em Tupi Guarany. Sou do povo Kambeba. Tenho 22 anos e curso Arquivologia na UFAM. Amo ler, assistir filmes e séries e ouvir músicas no idioma do meu povo.